

## Relato de Experiência Docente: “Contação” de histórias na aprendizagem de crianças surdas

Marlene Pereira do Prado<sup>1</sup>

Este trabalho tem como objetivo identificar e descrever algumas dificuldades apresentadas por crianças surdas para compreender histórias e narrá-las com seus conhecimentos da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Irei relatar experiências pedagógicas concretas experimentadas em meu local de trabalho: o espaço bilíngue do Ambulatório de Surdez da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No local mencionado, utilizamos a “contação” de histórias para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de crianças surdas, visando estimular a relação social dessas crianças na faixa do pré-escolar e educação infantil, em atividades educativas não formais.

De acordo com a perspectiva Bilíngue de educação de surdos, considera-se que a criança surda deve ter acesso à Libras precocemente e ao Português como segunda língua. Considera-se que a criança deve ter acesso às duas línguas na escola, respeitando a autonomia da Libras e sua adequação para o ensino de crianças surdas que não ouvem a fala (GOLDFELD, 1997; QUADROS, 1997). A realidade brasileira, porém, mostra que a Libras tem tido uma difusão fundamentalmente institucional (no INES, na FENEIS, no Ambulatório da UFRJ...), justamente pela dificuldade de inserir crianças surdas em ambientes mediados pela Libras (GOLDFELD, 1997).

As famílias que frequentam o Ambulatório não têm contato com outros surdos, além de seus filhos, no dia a dia, ou seja, apenas nas instituições como escola e Ambulatório, o que dificulta o uso cotidiano/espontâneo da Libras. Estamos, desse modo, no Ambulatório de Surdez da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tentando criar institucionalmente um espaço para que haja um contato mais espontâneo possível em Libras. Espera-se que a família da criança surda em processo de aquisição de Libras conheça a proposta bilíngue e que se engaje na aprendizagem da Libras, como mostra Quadros (1997). Mas constatamos que as mães ouvintes não desenvolvem rápido conhecimento suficiente de Libras para contar histórias, como percebemos na realidade do Ambulatório. Por isso este trabalho é realizado por uma professora surda fluente em Libras.

Segundo Karnopp e Quadros (2001), a aquisição da linguagem das crianças surdas deve ocorrer na mesma forma que qualquer criança, com o balbucio (produção de sons e sinais) até 14 meses, o estágio de um sinal por volta de 12 meses

<sup>1</sup> Pedagoga surda, graduada na primeira turma do curso do Curso Bilíngue de Pedagogia pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, em 2010. Trabalha no Ambulatório de Surdez da UFRJ desde 1997.

até 2 anos, as primeiras combinações de sinais por volta de 2 anos, o estágio da combinação de múltiplos sinais por volta de 2 anos e meio a 3 anos. Quanto ao desenvolvimento da narrativa, também devemos esperar que aconteça na idade adequada, com 4 anos. Através do contato com a narrativa, as crianças podem adquirir noções de sequencialidade (ordem dos acontecimentos) e causalidade (causa e efeito), que são importantes para seu desenvolvimento linguístico e cognitivo Goldfeld. Perroni (1992) mostra que o adulto guia a narrativa da criança através de perguntas. O adulto pergunta onde aconteceu, quem fez e o quando aconteceu o evento, para a criança narrar. A autora mostra que as crianças começam a narrar através das perguntas que o adulto faz sobre o que aconteceu na experiência delas, e sobre as histórias que leram juntos. Para Perroni, o desenvolvimento da narrativa começa aos 2 anos, na fase das protonarrativas. Nessa fase, a criança ainda não narra sozinha, mas precisa das perguntas do adulto para saber o que precisa ser contado. Com o desenvolvimento, a criança passa a saber o que deve falar, se antecipando às perguntas do adulto e narrando sozinha os acontecimentos. A autora mostra que aos 4 anos a criança já é um narrador e consegue narrar sozinha, sem ajuda das perguntas do adulto. Porém, se as famílias não utilizam a Libras no cotidiano, a criança não tem meios para desenvolver a linguagem plenamente e manifesta um atraso na linguagem. Por isso é necessário o contato com surdos adultos.

Segundo Zilberman (2003), o uso pedagógico da literatura infantil pode ensinar para a criança a visão adulta de mundo, mesmo que a criança não fique atenta as ordens dos mais velhos. Para a autora, um texto de ficção (conto de fadas, fábulas, etc.) pode transmitir a ideologia do adulto (professor), sintetizando a realidade que a criança vive no dia a dia e ajudando a criança a entender suas experiências, da forma como os adultos da sua cultura entendem essas experiências. A autora explica que a literatura infantil surge para possibilitar o ensino, com o surgimento da escola diz que o professor deve explorar múltiplas visões para cada texto, pois cada obra permite interpretações diferentes e únicas para cada leitor.

Nossa hipótese é que as narrativas feitas em Libras e o contato direto com um indivíduo surdo adulto ajudam no desenvolvimento do aprendizado de crianças surdas. Também, de acordo com minha experiência prática de trabalho, acredito que crianças com famílias que não utilizam a Libras em casa tenham mais dificuldade com a narrativa. Diferentemente, acreditamos que crianças que têm famílias que utilizam a Libras (mesmo com dificuldades e erros) apresentam mais facilidade para narrar e compreender as histórias. O estudo comparou o desenvolvimento de duas crianças que participaram da pesquisa, relacionando essas dificuldades ao contexto escolar e familiar das crianças em relação ao uso de Libras.

A metodologia do trabalho consistiu em filmar os atendimentos pedagógicos em Libras de duas crianças do Ambulatório de Surdez do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro durante um mês. Nesse período, foram utilizadas as histórias infantis “Os Três Porquinhos” e “Cachinhos Dourados

e os Três Ursos”, livro e livro magnético respectivamente. Com a intenção de conhecer profundamente as dificuldades das crianças surdas para narrar, filmei as atividades realizadas por mim junto às duas crianças do Ambulatório para assistir em casa depois prestando atenção mais profundamente sobre as características de cada criança e analisar suas dificuldades mais detalhadamente. Irei aqui analisar essas atividades, procurando identificar as dificuldades principais das crianças que são objeto do presente estudo. Com ambas as crianças, separadamente, foi realizada uma atividade de contagem de duas histórias, a saber “Cachinhos Dourados e os três Ursos” e “Os três Porquinhos” e depois foi solicitado que a criança recontasse as histórias. Essas histórias foram escolhidas por terem boa aceitação por parte das crianças, como mostra minha experiência de trabalho.

Em relação às características familiares de cada criança, podemos dizer que a Criança A tem 6 anos de idade e iniciou a aprendizagem da Libras com 4 anos. A é filha única e sua mãe não trabalha fora. Ela estuda na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, numa escola regular, próxima de sua casa, cursando o Jardim II. Sua família ainda não iniciou a aprendizagem de Libras. Por sua vez, a Criança B tem 5 anos de idade e iniciou a aprendizagem de Libras com um ano e meio. B tem dois irmãos ouvintes mais velhos do que ela e sua mãe trabalha fora o dia todo. Ela cursa o Jardim II no INES, uma escola especial para surdos que fica distante de sua residência. Sua mãe fez curso de Libras no INES e utiliza essa língua com dificuldades.

O objetivo geral deste estudo é verificar se há e quais são as dificuldades das crianças para aprender e desenvolver o conhecimento de histórias, através da interação realizada em Libras. Além disso, o estudo tem ainda o objetivo específico de comparar o desenvolvimento das duas crianças que são nosso objeto de estudo para verificar diferenças e semelhanças nos dois casos e relacionar essas diferenças às realidades familiares específicas de cada uma delas. Foram analisados aspectos do uso da gramática da Língua Brasileira de Sinais por parte das duas crianças surdas. Foi comparada também a maneira como essas crianças organizavam a sequência das narrativas. Foram interpretadas as dificuldades encontradas, tanto sintáticas quanto semânticas, por parte das crianças, de acordo com as características familiares e escolares de cada uma delas. Os resultados do estudo serão descritos a seguir.

A Criança A apresentou dificuldades tanto em oferecer a orientação quanto ao lugar onde se passa a história narrada como também em oferecer orientação em relação ao personagem. Ou seja, utilizou o discurso direto sem anunciar qual personagem iria falar. Além disso, A teve dificuldade em utilizar o objeto direto, por exemplo: contando sobre o momento em que o lobo sopra a casa do porquinho, disse: “assoprou”, mas não disse o quê havia sido soprado, a mediadora precisou perguntar “assoprou o quê?”. Outra dificuldade percebida nessa criança foi a de contar a história sequencialmente, ou seja, A apresenta as cenas isoladamente sem relacioná-las entre si, como se fossem várias cenas isoladas sem que uma cena dependesse da anterior para acontecer. Além disso, houve dificuldade para

compreender a intenção dos personagens, por exemplo: não entende que o lobo assoprou a casa por que queria comer os porquinhos. Isso reflete uma dificuldade para compreender aspectos ligados à causalidade da história.

A *Criança B* apresentou dificuldades em ordenar sequencialmente algumas cenas da história, invertendo a ordem de alguns acontecimentos, quando pula a parte em que a família sai para passear, indo direto para a parte em que a Cachinhos Dourados chega à casa. Apesar disso, quando chamada atenção percebeu seu erro e narrou corretamente a partir dali, colocando na ordem correta os acontecimentos da história. Além disso, *B* teve dificuldade de narrar espontaneamente a causalidade de alguns acontecimentos da história. Algumas vezes, quando questionada do porquê de alguns acontecimentos, ela conseguiu explicar. Quando perguntada, por exemplo, sobre o porquê do bebê urso estar chorando, soube responder que era por que o mingau tinha acabado. Outras vezes, não soube responder. Quando foi questionada sobre as razões que motivaram o bebê urso a estar chorando, não soube dizer que ele estava chorando porque sua cadeira estava quebrada. Outras vezes, porém, *B* narrou espontaneamente o porquê, como quando diz que a menina entra na casa porque está com fome.

**Palavras-chave:** pedagogia, educação, educação especial, estudos surdos, contação de histórias.

#### Referências Bibliográficas:

GOLDFELD, Marcia. *A criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-Interacionista*. São Paulo: Plexus. 1997;

Os três porquinhos In: *Paraíso da criança IV*. Editora: EDELBRA;

Os três porquinhos. In: *Contos de fadas magnéticos*. Editora: Melhoramentos, 2007;

PERRONI, Maria C. *Desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fontes. 1992;

QUADROS, Ronice Muller de. *Avaliação da Língua de Sinais em crianças surdas na escola*. Letras de hoje, Porto Alegre, v.39, n.3, p.297-309. 2004;

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Mediação cap. 1, p. 21- 43. 1997;

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo: Global. 2003.